



**CONGRESSO DOS
ARQUITECTOS**

VISEU, 14-16 JUL 2016

**Reabilitar
Cidade com
Arquitectura**

**Roteiro
pela Profissão
Reabilitação
Urbana,
Património
e Qualidade
de Vida**

**Tomar
Junho 2014**

ORDEM DOS ARQUITECTOS
CONVIDA

ROTEIRO
PELA
PROFISSÃO

FÓRUM PARA ARQUITECTOS, DOCENTES,
ESTUDANTES, ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA,
E SOCIEDADE EM GERAL

19.JUN

Apresentação

Uma cidade é uma rede complexa de tipologias, infraestruturas e espaços públicos que se desenvolvem em função das orientações económicas, políticas, urbanísticas e sociais de vários tempos.

O modelo de crescimento urbano, muito influenciado pela constante pressão da especulação do mercado que exigia a construção de novas estruturas e edificações, resultou numa expansão do território nem sempre ordenada e que acabou por originar a desertificação e degradação dos centros urbanos, em especial nas suas áreas residenciais e mistas, bem como dos seus espaços públicos.

Esta realidade esgotou-se pela sua dinâmica própria, fruto de uma inversão do ciclo económico, mas também demográfico, tendo como consequência directa a possibilidade da requalificação dos centros urbanos, entendendo-se de forma consensual e como absolutamente emergente que a reabilitação do património edificado e dos espaços públicos confinantes faz hoje parte da agenda política nacional e europeia.

A qualidade do ambiente urbano não se pode dissociar da qualidade da arquitectura e a defesa deste binómio reveste-se do maior interesse público. Numa altura em que as políticas públicas da Arquitectura estão em discussão nos panoramas nacional e internacional, estudos que se dediquem à problemática da qualidade em arquitectura são relevantes para informar essas mesmas políticas.

O património arquitectónico insere-se neste plano de preocupações porquanto o seu significado específico e local confere identidade a comunidades, também elas específicas e locais, como mais regionais, nacionais, e, por fim, reconhece-se o seu interesse supranacional.

Neste sentido, a actuação sobre os centros consolidados urbanos, tendo como finalidade a reabilitação urbana, em áreas afectas a zonas de manifesto interesse e por vezes classificadas, coloca constrangimentos e condições de difícil resolução e adaptação às novas dinâmicas sociais e económicas a que esses centros estão sujeitos.

Notas do encontro

Ainda que qualquer dos temas não seja propriamente novo para os profissionais arquitectos, o facto é que ganharam actualidade no quadro conjuntural crítico que atravessamos e o seu debate é necessário para definir estratégias e políticas para uma intervenção integrada e programada. Reabilitação, regeneração, revitalização são expressões de uma mesma realidade que deve ser construída com o saber e a prática dos arquitectos.

O Presidente da Ordem, arquitecto João Santa-Rita, apresentou a proposta do Roteiro pela Profissão, um espaço de encontro e debate, que deve trazer contributos para as temáticas a discutir no momento estatutário do Congresso dos Arquitectos, que reúne de três em três anos, e com vista à necessária abertura à sociedade da Ordem dos Arquitectos.

O tema transversal, trazido para este primeiro ensaio do itinerário, foi o da Reabilitação, uma actividade que tem de ser repensada quando importa requalificar não apenas os centros mas,

também as periferias, com adaptações a novos usos através de intervenções a níveis muito diversos, muito poucas vezes vertidas num quadro legal de fácil e claro enquadramento.

O encontro de Tomar centrou-se na temática do Património Arquitectónico, rico e vasto em Portugal. Carece de inventariação e de um programa de revitalização, que deve integrar novos modelos de intervenção com mais participação dos cidadãos na medida em que se trata de um importante factor de identidade local.

A Qualidade de Vida está intimamente ligada à qualidade do espaço e, enquanto arquitectos, a qualidade das suas realizações decorre da assunção de uma responsabilidade social e pública.

O arq. Rui Serrano, vice-presidente da Câmara de Tomar, deu início aos trabalhos justificando a sua realização na Casa dos Cubos, um espaço que traduz a dualidade da imagem da memória e dos valores do município, da inovação e renovação que os arquitectos conseguem proporcionar.

É um local onde se reúnem os três tópicos do debate. O autarca sublinhou a necessidade de delinear estratégias para fazer face aos desafios que se colocam à gestão da autarquia e da Comunidade Urbana do Médio Tejo.

Rui Serrano levantou ainda a questão: “Qual o papel da Arquitectura e dos arquitectos nos nossos territórios nos dias de hoje?” O cluster da reabilitação urbana interliga quatro entidades entre si: a OA ou os arquitectos, os municípios, as universidades e as associações empresariais. A qualquer delas compete, com maior ou menor grau de intervenção, pensar, planear e agir no território por forma a tornar as cidades – que em 2050 absorverão 75% da população mundial – mais competitivas, ou seja, aceleradoras e catalizadoras de novas dinâmicas criativas, em termos dos cidadãos – individual ou colectivamente –, dos profissionais – em particular dos arquitectos – e municipais.

O fórum contou com a participação da presidente da Comunidade Urbana do Médio Tejo, a Dr^a Maria do Céu Albuquerque, que focou as oportunidades no quadro do próximo Quadro Comunitário (2020) para a questão da reabilitação urbana.

Para Maria do Céu Albuquerque, também, presidente da Câmara de Abrantes, o grande desafio da reabilitação urbana ganha escala quando tratado numa lógica de comunidade intermunicipal. Ao nível da solidariedade entre os municípios e projectos intermunicipais pretende-se salvaguardar a identidade de cada município e de cada centro histórico.

A regeneração urbana deve ser implementada sob uma estratégia de eficiência energética e de engenharia financeira, criando melhores condições de vida para os munícipes e estimulando a economia local. O plano estratégico da regeneração urbana de Abrantes privilegiou as vertentes residencial, cultural e económica, trazendo para o centro os serviços sociais – unidade de saúde, centro de jovens, escola –, a dinamização do comércio – um centro comercial a céu aberto – e das actividades culturais – festas e residências artísticas – com um serviço de transportes para todos e a construção de habitação social ou a custos controlados. A par do trabalho desenvolvido pelo Gabinete do Centro Histórico e dos arquitectos funcionários do município foram contratados trabalhos a arquitectos de renome.

A autarca terminou lançando o repto: “contamos convosco, senhores arquitectos; ajudem-nos a pensar a apropriação do espaço público”. Para o efeito deixou três desafios: “a economia dos meios/o custo, a funcionalidade e a facilidade de manutenção das intervenções”.

Procuram-se novas respostas às necessidades dos munícipes e das comunidades, tirando partido das qualificações das cidades e enquadrando de forma criativa todos os projectos. Neste sentido, valorizou-se a participação do Convento de Tomar, através da sua directora, a arq.^a Andreia Galvão, e do Instituto Politécnico de Tomar, com o docente arq. Fernando Sanchez Salvador.

A criatividade encontra lugar também no legado patrimonial quando

este se liga à contemporaneidade. Andreia Galvão procura garantir que o Convento de Cristo esteja mais entrosado com a cidade e considera o património como um instrumento de desenvolvimento do território e de uma cultura de adequação de investimentos, de custos e benefícios na sua salvaguarda, face à integração social que pode proporcionar. O património é um recurso de coesão económica e social e de promoção da imagem da cidade. Desta forma, o Convento é uma plataforma, um laboratório vivo e activo disponível para dialogar e trabalhar com os activos que o rodeiam, Ordem dos Arquitectos incluída.

O arq. Pedro Dias Costa, presidente da Delegação de Abrantes, alertou para o facto da regeneração urbana não ser a mesma coisa em Lisboa ou no Porto ou em meios rurais (se acreditarmos que ainda existem); trata-se de uma questão de densidade e de lógica de concentração, também demográfica, que arrasta problemas económicos. Acredita que no problema da regeneração se encontra a sua própria solução e que os arquitectos fazem parte do problema e da sua solução. Encontra razões de optimismo para o futuro da profissão se os arquitectos souberem inverter o ciclo dos problemas para o ciclo das soluções.

Os arquitectos Vítor Mestre e Sofia Aleixo questionaram o papel da OA quanto à formação dos reabilitadores, quando a regeneração urbana deve ser também uma regeneração social. Compete à OA alargar o debate a todos os membros e não privilegiar a afirmação dos “arquitectos estrela”. Todos os arquitectos são necessários

nas tarefas de requalificação.

O arq. Fernando Sanchez Salvador propôs um olhar para a Arquitectura através da cidade. A sua regeneração deve ser abordada através da reabilitação urbana e arquitectónica. A cidade de Tomar, organizada a partir do lençol de água do Nabão, tem se mantido muito pouco alterada desde o século XIX com a sua malha ortogonal. A impregnação do tempo, da arquitectura nos monumentos e no traçado urbano do centro assenta numa economia própria que traduz um cadastro e um registo de propriedade muito próprio. A memória colectiva de materiais, técnicas e projectos é um património de valor que contém, em simultâneo, uma herança e um legado num tempo longo. Citou Solà-Morales para recordar que “uma cidade sem vida é um parque temático”. O arquitecto deve lidar com a heterogeneidade que é sinal da vitalidade das cidades, de interesses a diversos níveis, sociais e económicos, que potenciam economias de diferentes escalas e usos.

O arq. Adalberto Dias mostrou um diaporama com imagens dos seus trabalhos de reabilitação em curso, a igreja de São João Batista em Tomar, a intervenção no claustro da Sé de Lisboa, mas centrou a sua exposição no sucesso ou insucesso de algumas intervenções do Porto 2001. A política de novas centralidades nos anos 70 para equilibrar a pressão sobre o centro teve o efeito perverso de esvaziar o centro, daí no Porto se ter proclamado o regresso à Baixa. As pressões, funcionalidade e um carácter urbano e próprio da Baixa passaram pelo

desenho de novas acessibilidades que é a matriz do desenho urbano.

O arq. Cândido Chuva Gomes, a desenvolver o projecto de reabilitação do complexo da Levada, centrou a sua intervenção na importância da leitura e da interpretação do sítio e no conceito de temporalidade. O sistema de produção do território é variado e é um legado para o exercício da intervenção. Deve avaliar-se o real, o legado físico que temos; olhar para os edifícios como capítulos num curso do tempo, cada edifício como uma matriz de base que está integrado num conjunto. Completada esta leitura é necessário criar espaços de energia e de comunicação entre pessoas e profissões. Terminou com um apelo à Ordem dos Arquitectos para que defina estratégias para exportar a arquitectura nacional.

Seguiu-se um pequeno debate com todos os intervenientes, moderado pelo arq. Pedro Ravara, vice-presidente do CDN, que acentuou a continuidade e a ruptura que são introduzidas pelas intervenções na cidade e na sua dinâmica enquanto “ser vivo”.

Observações finais

O arq. João Santa-Rita fez a síntese dos trabalhos apontando cinco aspectos essenciais que a OA deve acompanhar de perto:

→ Os arquitectos querem ser parte da solução porquanto são gestores de problemas e de conflitos; estão habilitados a lidar com a realidade e a coordenar o trabalho de uma série de profissionais

→ Os arquitectos olham para a cidade como um todo e procuram equilíbrios entre os seus tecidos, o centro e a periferia

→ Do ponto de vista da formação, os arquitectos devem recuperar o saber que foi acumulado durante um tempo muito longo

→ Os arquitectos devem procurar novos caminhos face à escassez do campo de acção: o arquitecto é um profissional que dialoga com a sociedade e interpreta as suas necessidades.

→ A capacidade de exportação da Arquitectura deve ser alargada

→ Devem ser equacionados novos usos e uma gestão mais criativa do património reabilitado

Organização



MUNICÍPIO DE
VISEU

Patrocinadores
DNA 2016

VMZINC



ageas
seguros

Gypotec
IBÉRICA



GUARDIAN
More Innovation - Building Potential

J. Pinto Leirão
WOOD TECH
viroc **valchromat**

ageas
seguros